

A LEITURA EM SALA DE AULA: MUITO ALÉM DA AVALIAÇÃO

Vera Lúcia Lamboia
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil
veralamboia@terra.com.br

RESUMO

Este artigo expõe algumas reflexões a respeito do trabalho com a leitura em sala de aula. Partindo de uma análise da atual sociedade de consumo em que o aluno e a escola estão inseridos, passa por um estudo sobre a aquisição da escrita pelo indivíduo, questiona o papel da escola e suas precariedades em relação ao ato de leitura, o qual se apresenta como uma obrigatoriedade para a composição de uma nota e não como uma atividade prazerosa de descobertas, envolvimento e aprendizado. O estudo debruçou-se sobre ideias de pensadores como Bauman, Debord, Melo e Ferreiro. Também baseou suas análises em pesquisa feita com alunos do 9º ano de Ensino Fundamental de um Colégio de classe média alta e alta da Grande São Paulo.

Palavras-Chave: *Sociedade; Leitura; Escola.*

ABSTRACT:

This article presents some reflections on the work with reading in the classroom. Starting from an analysis of the current consumer society in which the student and the school are included, involves a study of the acquisition of writing by the individual, questions the role of the school and its precariousness in relation to the act of reading, which is presented as a requirement for the composition of a grade rather than as a pleasurable activity of discoveries, engagement and learning. The study has considered some thinkers idea, such as as Bauman , Debord, Melo and Ferreiro. It has also based its analysis on a survey of students in the 9th grade of high school from a middle-high and high class school from São Paulo city.

Keywords: *Society; Reading; School.*

INTRODUÇÃO

Hoje, o ser humano vive em uma sociedade em que a imagem é cada vez mais valorizada. Há uma preocupação extrema com o visual, com o que pode impressionar ao outro. Adolescentes, influenciados pela mídia, são levados a acreditar que a vida deve ser vivida com euforia, portanto passam a viver alegrias passageiras, fluidas. Vivendo nessa sociedade, chegam ao 9º ano do Ensino Fundamental e cursam os três anos do Ensino Médio jovens extremamente preocupados com o seu físico, meninos que buscam ganhar músculos, meninas que se envaidecem com seus cabelos e preocupam-se com a maquiagem.

Nesse contexto, qual é o papel que a leitura desempenha na vida desses estudantes? Alguns leem bastante, mas a leitura tem que nível de profundidade? Qual deve ser o papel da escola para que a leitura não se torne apenas uma obrigação?

Na tentativa de responder a essas perguntas, este trabalho pretende, a partir do contexto social contemporâneo, apontar aspectos que determinam comportamentos na sociedade atual; localizar motivos que levam o aluno, com o passar do tempo, a se desinteressar pela leitura; levantar dados sobre o interesse literário de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e apresentar algumas ideias que contribuam para o trabalho com a Literatura Clássica em sala de aula.

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: O QUE VALE É O ESPETÁCULO

Numa sociedade capitalista, em que se cria uma competição econômica e o preconceito contra as classes menos favorecidas economicamente, as pessoas são estimuladas pela mídia a buscar uma perfeição que não existe. Elas vivem um constante descontentamento, sempre buscam algo a ser melhorado e a frustração é inevitável. Buscam no consumo desenfreado a tão sonhada felicidade, ocorre que essa não é encontrada. Segundo Debord (1997, p.17), “No espetáculo, imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenrolar é tudo. O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo”, isso gera uma insatisfação, já que os indivíduos não vivem o que realmente são para viver como a sombra do outro que lhe é imposto e, sem questionamentos, aceito.

Nesse contexto de constante busca, numa intensa preocupação com o externo, a educação e o conhecimento, que deveriam ocupar um patamar mais alto, acabam caindo para

segundo plano e as pessoas vão ampliando o seu vazio, pois não se preocupam em se preencher com aquilo que não lhes pode ser tomado e que os tornariam seres humanos melhores no sentido de que ampliariam sua visão de mundo e as tornariam menos receptíveis ao domínio da mídia.

Nos dias de hoje, existe uma supremacia quantitativa dos veículos eletrônicos sobre os veículos impressos. Embora não se possa desconsiderar esse dado, estudos afirmam que o hábito de leitura não foi influenciado pelos meios eletrônicos. Decorre daí o questionamento: quem ou o que se torna responsável pela diminuição do hábito de ler? Melo (1983, p. 71) afirma que o hábito de leitura não se aprende na escola, esse aprendizado faz parte dos padrões de cultura de um país, de uma comunidade e deve ser iniciado na família, a escola terá o papel de sedimentar esse hábito. Ele chega à conclusão de que o hábito da leitura só irá se tornar frequente se houver uma promoção da leitura no sentido de que o adulto (seja ele o professor, o pai, a mãe ou outra pessoa) não deve ser somente o que ensina a ler, mas aquele que dá o seu testemunho para a leitura estimulando a criança a não apenas ler, mas a sentir a leitura, ou seja, para que a criança (o aluno) se interesse pela leitura é importante que o adulto que o orienta nesse processo seja testemunho daquilo que está lendo para a criança ou propondo a ela que leia.

A ESCOLA EM PROCESSO DE DESVALORIZAÇÃO

Muitos alunos no Brasil ainda não chegam a completar o Ensino Fundamental, uma outra porcentagem frequenta a escola por anos e sai dela semianalfabeta. Dados apontados após a aplicação da Prova Brasil, em 2011, mostram que apenas 44% dos alunos de 5º ano e 26% dos alunos de 9º ano tiveram o adequado aprendizado na competência de leitura e interpretação de textos na rede pública de ensino. Embora a Lei de Diretrizes e Bases do Brasil determine a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, vários fatores justificam a não igualdade presente nas escolas de todo o país, sejam eles políticos, de nível social, de infraestrutura. O fato é que, havendo na sociedade um baixo reconhecimento da importância da educação, a escola, além de não atender a todos igualmente, passa a ser considerada algo ultrapassado e desinteressante.

Além disso, deve-se considerar que muitos estudantes frequentam a escola por pura obrigação e não encontram o prazer de aprender as disciplinas humanas, considerando que apenas o conhecimento tecnológico e dos números é que lhe trarão alguma serventia. O

estudo e a leitura se tornam, assim, apenas o trampolim para a universidade e só lhe trará vantagens aprender aquilo que lhe sirva, de alguma maneira, na futura profissão.

Faz-se necessário, portanto, o questionamento: como a escola deve reagir diante da banalização, da espetacularização? Faz-se necessária uma reflexão sobre como a escola pode atingir de maneira mais específica o seu objetivo de preparar o aluno para a vida, não uma vida de momentos passageiros, não uma vida apenas profissional e social, mas preparando o indivíduo para se olhar internamente e descobrir que o que se aprende pode ser algo prazeroso e aceitável e não a tortura em que muitos transformam o processo de aprendizado. O certo é que a escola não pode se adequar ao aspecto fluido que evapora pela sociedade, também não pode fingir que nada acontece sem promover mudanças e também não pode se deixar levar pela banalização da espetacularização.

SOBRE COMO O ALUNO APRENDE A LER

Smith (1999) afirma que, no cérebro, não há uma área específica para a leitura. Muitas áreas cerebrais são ativadas no momento em que o indivíduo lê algo. Para que se exerça a atividade da leitura não é necessária nenhuma atividade cerebral a mais do que aquelas que se utiliza no processo da fala.

As possibilidades e os caminhos para a alfabetização são um assunto muito discutido até hoje. Método analítico, método sintético, teoria construtivista, diferentes estudos mostram as características dos diferentes processos pelos quais se dá a aprendizagem da leitura, porém nenhum estudo comprova a superioridade de um sobre o outro. Segundo Smith, “Todos os métodos de ensino de leitura parecem ter algum sucesso, com algumas crianças, algumas vezes.” (p. 11)

Além disso, alguns estudiosos defendem que, para a criança ter maturidade suficiente para aprender a ler deve ter desenvolvida a lateralidade, a discriminação visual e auditiva, a coordenação viso-motora, o esquema corporal, a estruturação espacial, a lateralidade e a orientação temporal. No entanto, nem sempre uma criança que apresenta todos esses pré-requisitos consegue se tornar um leitor sem dificuldade, pois não se pode deixar de considerar, no processo de aquisição da escrita, a competência linguística da criança e suas capacidades cognoscitivas.

A criança chega à sala de aula com conhecimentos sobre a língua, não como uma tábula rasa em que serão inscritas letras representantes de fonemas. É fato que todo seu aprendizado não pode ser deixado para trás no processo ensino-aprendizagem, porém

ainda se vê muita criança sendo retirada de seu mundo real para assumir um papel de ser vazio o qual precisa ser preenchido. Ao professor cabe o papel não apenas de ensinar a ler, mas o de despertar o interesse dos alunos pelas histórias, pela ficção, pelo mundo da fantasia levando-o a contribuir com suas experiências, inserindo a sua bagagem cultural e pessoal no processo de aprendizagem.

SOBRE COMO MUITAS VEZES A ESCOLA (DE-) FORMA E (EN) FORMA O LEITOR

“Um dos traços marcantes da evolução cultural brasileira é sem dúvida a resistência à leitura. Somos um país onde pouco se lê. [...] o fenômeno reproduz situações criadas pela marginalização escolar que atinge grandes contingentes das classes trabalhadoras, gerando um analfabetismo crônico, que inclui os que não aprenderam a ler e os que foram induzidos a não gostar de ler.” (MARQUES DE MELO em BARZOTTO, 1997, p. 83)

A questão política do Brasil, que renegou o povo a um processo de analfabetismo durante muitos anos, colaborou com uma realidade em que a oralidade predomina sobre a escrita. Sobre isso, Olson (1997) levanta uma questão: a transcrição escrita da fala capta apenas o que foi dito, não indica a força ilocucionária que um enunciado tem ao ser pronunciado, para que essa força possa ser representada, são usados os sinais de pontuação (o que muitas vezes não é suficiente, como por exemplo, no Português em que o sinal de interrogação só aparece no final da frase.) Sendo assim, é necessário que o leitor se esforce para suprir a falta dos elementos da fala (entonação, gestos, olhar...) e caberá a ele a função de reconstruir a atitude de quem escreveu o texto. Portanto, o leitor teria uma manifestação mais ativa do que o ouvinte, pois teria que se colocar no lugar do escritor para tentar entender sua intenção com o texto.

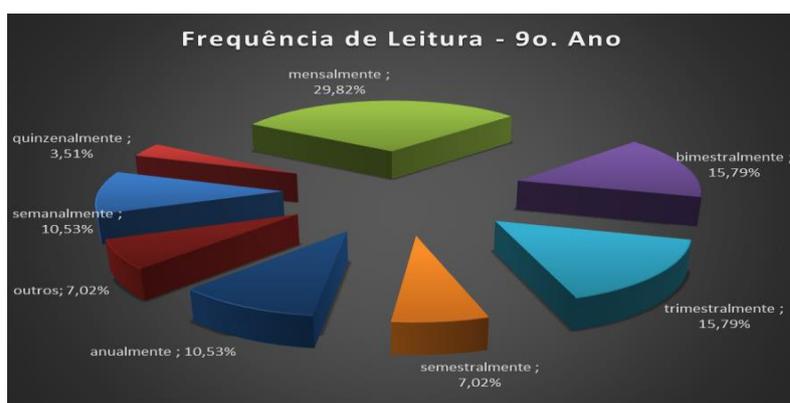
Melo (1983) leva essa discussão além. Culpa a escola por valorizar a oralidade, por ser uma instituição elitista que tem como centro a autoridade do professor o qual centra o processo educacional num ensino discursivo:

“A escola brasileira ainda não estimula a leitura. O estudante não adquiriu o hábito de ler, de buscar subsídios na biblioteca; limita-se às anotações de aula, às apostilas [...] Não pesquisa, não aprofunda, não cria. Estuda muito menos para a vida do que para o exame. Consequentemente tem um universo cultural reduzido, restrito, limitado. (...) A rigor, poderíamos afirmar que a escola brasileira ainda não descobriu o livro. Ainda não preparou o estudante para ter no livro uma base cultural, sólida, eficiente, crítica, desafiadora.” (p. 84)

Machado (2011) levanta ainda uma outra questão: “Os ambientes domésticos brasileiros não se caracterizam pela intimidade com eles (os livros). [...] Essa falta de reconhecimento da importância da leitura [...] está muito arraigada entre nós.” (p. 15)

Pretendendo refletir um pouco mais acerca da valorização da leitura, investigou-se, a partir de questionário, 60 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola particular de ensino de São Paulo, a qual atende a um público de classe média alta e alta. A pesquisa teve como foco a relação dos alunos especificamente com a leitura de livros. Importante considerar para o resultado da análise que a escola adota o sistema de avaliações trimestrais e que, a cada trimestre, o aluno deve ler 2 livros para responder a questões de provas.

Onde erra a escola? Qual o papel que deveria assumir na formação de leitores? Os problemas nem sempre se localizam na escola, no país ainda existe um poder dominante que não se interessa pela formação de leitores críticos e muitos professores, pelas condições indignas de trabalho, também não são bons leitores e acabam servindo como veiculadores das ideias dominantes e não propiciam o ensino de uma leitura inovadora e prazerosa. E muitas vezes não propiciam porque “a formação dos professores não lhes dá a oportunidade de ter contato com a experiência estética, de apreciar em si mesmos os efeitos do convívio com as artes[...].” (MACHADO, 2011, p. 23) e, se não vivenciam essa experiência, os professores não conseguem vivenciar com o aluno a intensidade que uma leitura pode proporcionar. Talvez esteja aqui a causa do resultado do Gráfico 1:



Nota-se que o maior índice de leitura é o mensal, seguido do bimestral e o trimestral (empatados), porém, sabendo-se que a escola adota o sistema de leitura de dois livros por etapa, esse resultado expressa que o aluno, provavelmente, estará lendo o livro solicitado pela escola, não significa que ele tem o hábito de ler espontaneamente um livro por mês. Também a indicação da bimestralidade e da trimestralidade, ou seja, é o período de leituras escolares que culminam com o fechamento das notas.

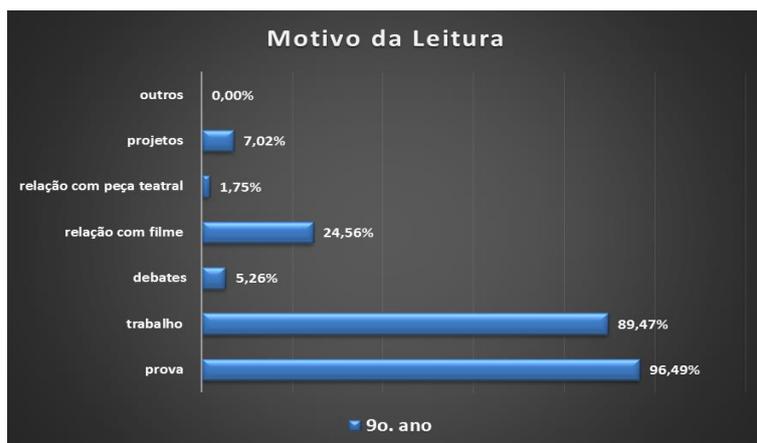
ERA UMA VEZ UNS CLÁSSICOS

Ao serem questionados, na pesquisa, sobre o tipo de livro que desperta o interesse, apenas 13 alunos dos 60 que responderam à pesquisa afirmaram que se interessam por clássicos, menos de $\frac{1}{4}$ dos alunos tem interesse por esse tipo de livro que é o que predomina na cobrança da escola. (Gráfico 2)



Machado (2002) afirma que os clássicos permitem que o leitor identifique, em alguns personagens, elementos em que ele se reconhece plenamente, pois os clássicos abordam questões da humanidade e, por isso, são atemporais, eternos. “Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo verdadeiro a respeito do mundo.”(Machado, 2002, p. 21). Portanto os alunos que não são estimulados a descobrir essa relação com os clássicos acabam se afastando deles, pois ao ser cobrada a leitura em provas e trabalhos, o aluno, ao invés de se envolver, vai criando uma aversão ao livro clássico. Não à toa, os alunos apontam preferir os livros motivacionais e os livros da moda os quais envolvem ações e personagens de seu cotidiano, mas ações e personagens que não permanecem, que não têm uma ligação forte com a história da humanidade, como têm os clássicos.

O gráfico 3 aponta como os alunos são cobrados em relação aos clássicos e deixa claro como essas leituras que não envolvem sequer o debate afasta os leitores dessas obras.



Infelizmente, a pesquisa comprova que mais de 90% das leituras de clássicos têm como objetivo uma prova. Mesmo quando o aluno assiste a um filme relacionado com o livro, não há um debate sobre isso, considerando-se que o item DEBATES, no gráfico, apresenta número bem inferior ao item RELAÇÃO COM FILMES. Cai-se no vazio. Faz-se a prova e daí? Aqueles que têm interesse pela leitura porque já foram estimulados por adultos fora da escola, poderão voltar a eles um dia. Mas a maioria perde por não conhecer um mundo anterior a este, por não relacionar o mundo anterior com este, por não ser estimulado a relacionar as características e ações de personagens às suas características e ações.

HAVERÁ SOLUÇÃO?

“Pense na leitura como um cardápio. Com que frequência você um cardápio do começo ao fim, prestando atenção a cada palavra, sem nenhuma expectativa sobre o que você teria probabilidade de ver e nenhum interesse particular em algo que você gostaria de encontrar? Nós lemos cardápios com uma finalidade e os examinamos – fazemos nossas perguntas seletivamente. Podemos perguntar: ‘O que tem para a sobremesa?’ ou, até mais especificamente, ‘Tem sorvete de creme?’” (SMITH, 1999, p. 109)

A leitura deve ser um processo constante de curiosidades que geram perguntas, não necessariamente conscientes, as quais vão levando o leitor a ler mais para tentar sanar essa curiosidade. Smith (1999, p. 111) afirma que “não temos consciência do processo de encontrar e avaliar perguntas, mas somente das consequências do processo, das decisões tomadas pelo cérebro.”

Esta seria uma chave que abriria possibilidades para o trabalho com clássicos em sala de aula. Se perguntas inconscientes são formuladas, por que não estimular os alunos também com perguntas conscientes, perguntas essas propostas a eles e formuladas por eles? Se fosse permitido ao aluno debruçar-se sobre o livro; mesmo que uns com mais, outros com menos compromisso; seria dada a ele a possibilidade de encontrar o prazer da leitura. Partindo dessa dinâmica, muitos professores também descobririam o prazer da leitura dos clássicos e isso criaria um ciclo de necessidades, quanto mais o ser se conhecesse, mais teria necessidade da leitura para mais se conhecer e mais leria... Professor e aluno sairiam ganhando e um grupo de leitores críticos estaria sendo formado, leitores capazes de debater sobre diferentes ideias em diferentes contextos, capazes de se livrar do processo de espetacularização predominante na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA, 1999.
- BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). *Estado de leitura*. 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOULCH, J. LE. *Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: Artmed, 1987
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Cultrix, 1993.
- CARVALHO, Marlene. *Guia Prático do Alfabetizador*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GIASSON, Joce Lyne. *A compreensão na leitura*. Portugal: Edições Asa, 1993.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____. *Silenciosa Alazarra*. São Paulo: CIA das Letras, 2011.

MELO, José Marques de. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 2, ano 2. Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, outubro de 1983. IN BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). *Estado de leitura*. 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

OLSON, David R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura: Teoria e Prática*, nº 10, ano 6. Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, dezembro de 1987. IN BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). *Estado de Leitura*. 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Sites

(Governo do Estado de São Paulo) *Currículo – Línguas, códigos e suas tecnologias*. Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/43/Files/LCST.pdf> - Acesso em 13 de jun. de 2014.

(Governo Federal) *Lei de Diretrizes e Bases / 1996*. Disponível em <http://www.dca.fee.unicamp.br/~leopini/consu/reformauniversitaria/ldb.htm> - Acesso em 15 de jun. de 2014.

Lei 9393, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis/9394.htm>. Acesso em 30 de set. de 2014.

Dados Censo Escolar – Prova Brasil. Disponível em <http://www.qedu.org.br>. Acesso em 30 de set. de 2014.

VISVANATHAN, Christiane. *Métodos de Alfabetização-Quais são e como funcionam?* Disponível em <http://www.mundinhodacrianca.net/2009/10/metodos-de-alfabetizacao-quais-sao-e.html> - Acesso em 12 de out. de 2014

FREITAS, Patrícia Gomes de. *Um olhar sobre o método fônico*. Disponível em <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/PATRICIA%20GOMES%20DE%20FREITAS.pdf> – Acesso em 20 de out. de 2014

Retratos da leitura no Brasil – Instituto Pró-Livro. Disponível em http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf - Acesso em 25 de outubro de 2014

ANEXO A

Questionário sobre Leitura – 9º ano

Idade: _____

1

) Indique com que frequência você costuma ler um livro

- a- () semanalmente
 - b- () quinzenalmente
 - c- () mensalmente
 - d- () bimestralmente
 - e- () trimestralmente
 - f- () semestralmente
 - g- () anualmente
 - h- () outros
- _____

2) Você lê livros

- a- () por interesse próprio
- b- () por compromisso escolar

3) Que tipo(s) de livro(s) é (são) de seu interesse?

- a- () clássicos
- b- () auto-ajuda
- c- () motivacionais
- d- () religiosos
- e- () nenhum
- f- () outros _____

4) Você considera que a leitura de obras clássicas é importante para trabalhar questões universais como amor, ódio, traição, valores éticos e morais, etc?

- a- () sim

b- () não

5) Existe algum livro que marcou a sua vida?

a- () sim _____

b- () não

6) Sobre as leituras escolares de obras clássicas, indique as atividades que já

realizou:

a- () prova

b- () trabalho

c- () debates

d- () relação com filme

e- () relação com peça teatral

f- () projetos

g- () outros

Obrigada por sua colaboração!

